

(x) Graduação () Pós-Graduação

O COTIDIANO DE TRABALHADORES INFORMAIS E NEGÓCIOS ORDINÁRIOS NAS TRAMAS URBANAS DE NAVIRAÍ – MS

Gesiane da Silva Gomes
Administração/CPNV/UFMS
gesianegomes97@gmail.com

Fábio da Silva Rodrigues
CPNV/UFMS
f.rodrigues@ufms.br

RESUMO

O artigo refletiu sobre o jogo de forças existente na vida cotidiana das cidades, considerando que a mesma possui estruturas e estratégias que regem seu funcionamento e que nela coexistem organizações e sujeitos heterogêneos quando ao poder que nela exercem. O trabalho teve como objetivo investigar o cotidiano de trabalhadores e negócios ordinários em Naviraí-MS. As táticas dos sujeitos autônomos e suas histórias são o foco principal desse trabalho, podendo ser, negócios informais, marginalizados e/ou precariamente geridos. Neste cotidiano, enquanto os sujeitos de querer e poder, que detêm o próprio, possuem a estratégia, os sujeitos e negócios ordinários, desprovidos do próprio, lançam mão das táticas. Foram entrevistados três trabalhadores informais, sendo um do ramo FLV (frutas, legumes e verduras), outro mascate e um técnico em eletrônicos. Apesar das áreas distintas, os sujeitos apresentaram respostas semelhantes, quanto ao porquê optaram por esse caminho e quais as desvantagens, sendo a flexibilidade e possibilidades de ter em mãos algo próprio, e como aspecto negativo, a falta de direitos trabalhistas. A pesquisa é de natureza qualitativa e exploratória e os meios de coleta se configuram como pesquisa bibliográfica e busca da interpretação da realidade a partir histórias de vida e/ou orais dos sujeitos envolvidos.

Palavras-chave: Cotidiano; Trabalho informal; Organização-cidade; Michel de Certeau; trabalhador ordinário

1 INTRODUÇÃO

A cidade se constitui num campo que permite várias possibilidades de pesquisa. Uma delas, no campo dos estudos organizacionais, é conceber a mesma a partir do conceito de organização-cidade (FISCHER, 1996,1997; MAC-ALLISTER, 2001, 2004). Contudo, admite-se que existe um jogo de forças na vida diária destas cidades. Admite-se que a cidade possui estruturas e estratégias que regem o seu funcionamento, sendo que nela – a cidade – coexistem organizações e sujeitos heterogêneos quanto ao poder – e formas de uso do poder - que nela exercem. Se por um lado a visão funcionalista do *management*, de coordenação e administração da empresa, se configura como hegemônica, no mesmo espaço admite-se uma diversidade de negócios e organizações enredadas no cotidiano das cidades.

Neste cotidiano, enquanto os sujeitos de querer e poder, que detêm o próprio, possuem a estratégia, os sujeitos e negócios ordinários, desprovidos do próprio, lançam mão das táticas (DE CERTEAU, 2002). A partir da visão Certeuniana, as ações do homem ordinário, sobretudo no contexto da vida urbana, representam atos de pequenas transgressões, a fim de garantir formas de sobrevivência. Tais atos de microscópicas transgressões dos sujeitos ordinários se notam, por exemplo, nas práticas de comércio ambulante, dos artesãos, artistas de ruas, camelôs, bem como outras formas de pequenos negócios ordinariamente geridos.

O homem ordinário, que é o sujeito comum, não possuinte de capital para ser considerado detentor de poder, está por muitas vezes numa situação de invisibilidade, como nos lembra Certeau (2002), que embora constituinte da cidade, por vezes tem sua existência ignorada pelos sujeitos de querer e poder.

Contudo, antes de apresentar as questões afetas ao objeto de pesquisa, sobretudo no tocante aos aspectos teóricos e metodológicos, afirmamos que esta pesquisa busca trazer contribuições. A proposta aqui defendida oportuniza aos estudos organizacionais o diálogo com outras áreas do conhecimento, teorias, possibilidades de pesquisa, para além do *mainstream*. Quando se parte do pressuposto de que existem apenas algumas possibilidades para a pesquisa acadêmica, limitando tais permissões somente ao campo dominante da pesquisa em estudos organizacionais, das pesquisas de cunho essencialmente positivista, limita-se também as possibilidades de expansão do próprio conhecimento, da compreensão do que se propõe pesquisar, bem como das possibilidades de avanço da pesquisa em estudos organizacionais. Abertos às novas alternativas que enriqueçam tanto científica quanto empiricamente o campo de pesquisa da administração, propõe-se uma espécie de bricolagem acadêmica para

ressignificar as formas de pesquisa nesta área.

Admite-se a possibilidade de outras formas de conhecimento, que não somente aquelas tradicionais, que seccionam a ciência em partes bem delimitadas. Tal fragmentação, sob a justificativa de organizar a pesquisa científica, acaba por fazer com que os objetos, fenômenos, representados por sujeitos, organizações, manifestados por comportamento, atitudes e ações sejam dispersos ao longo do caminho e percam seus significados mais relevantes. Propomos tratar os objetos de pesquisa de forma holística. Em outras palavras, esse dialogar com outras áreas do conhecimento passa por se enveredar por áreas como a história, a geografia, a arquitetura, entre outras, permitindo novas possibilidades à pesquisa em administração.

Em consonância com esse novo alento que trazem teorias e procedimentos metodológicos atípicos do universo da administração, essa bricolagem se configura por buscar não restringir limites demarcatórios das teorias e procedimentos de pesquisa empregados. A partir dos fenômenos, buscou-se empregar teorias e métodos que se ajustem àquela realidade, contudo, respeitando as convergências entre as temáticas. Ou seja, parte-se dos problemas do mundo real, do cotidiano, para um olhar mais sensível da realidade. Assim, embora existam teorias que suportam as intenções de pesquisa, a função de tais teorias não é enquadrar os fenômenos observados em estruturas enrijecidas, o que representaria um novo padrão, mas sim, orientar o olhar dos pesquisadores no campo de pesquisa.

A bricolagem acadêmica que se consuma nesta pesquisa busca se assentar em diferentes perspectivas epistemológicas, mas que convergem para melhorar o entendimento do fenômeno que se quer analisar. O conceito de organização-cidade, ou a possibilidade de se pensar a cidade como organização - ou objeto análogo a esta - encontra respaldo em pesquisas anteriores nos estudos organizacionais (FISCHER, 1996,1997; MAC-ALLISTER, 2001, 2004). A partir desta perspectiva, compreende-se que a cidade possui estruturas e estratégias que regem o seu funcionamento, sendo que nela – a cidade – coexistem organizações e sujeitos heterogêneos quando ao poder – e formas de uso do poder - que nela exercem.

Dito isso, as perguntas a serem respondidas os problemas a serem discutidos são: Quais as práticas de gestão adotadas pelos "administradores" desses tipos de negócio? E qual apoio esses trabalhadores recebem formalmente?

O objetivo do trabalho é investigar o cotidiano de trabalhadores e negócios ordinários inseridos no contexto da vida urbana de uma cidade de pequeno porte, Naviraí. As práticas dos sujeitos que trabalham de forma autônoma e/ou administram esses negócios ordinários são caras, no contexto de pesquisa que se apresenta. Incluem-se neste rol, negócios informais,

marginalizados e/ou precariamente geridos.

De forma específica, pretende-se: *i)* Diagnosticar o cotidiano de trabalhadores ordinários urbanos; *ii)* Identificar as práticas destes trabalhadores informais; *iii)* Analisar a existência - ou inexistência - de políticas públicas voltadas para estes negócios; *iv)* Investigar o acesso de trabalhadores e negócios ordinários a serviços voltados aos pequenos empreendimentos e trabalhadores autônomos urbanos.

2 REVISÃO DA LITERATURA

A seguir, apresenta-se uma pesquisa bibliográfica sobre os temas que serão abordados, a fim de construir um embasamento teórico para esse estudo. Assuntos como cotidiano, organização-cidade, trabalho informal e identidade não essencialista serão os principais assuntos abordados.

2.1 COTIDIANO

As pesquisas sobre o cotidiano, a partir da contribuição de Michel de Certeau (2002) permitem que se estude o sujeito ordinário, o homem comum, aparentemente entregue à passividade. Michel de Certeau fala da estratégia, que é típica ação dos sujeitos de querer e poder que dominam o próprio, dominando tanto a estrutura e a estratégia, definindo os artefatos a serem consumidos pelos sujeitos comuns. Em contrapartida, apresenta o conceito da tática, oportuna e sorrateira, típica dos sujeitos ordinários, que na ausência do próprio fazem uso dos recursos que possuem, sua liberdade gazeteira, para reinventar possibilidades de uso dos artefatos e produtos pensados pelos sujeitos de querer e poder, dando novos significados a estes.

No cotidiano, Michel de Certeau (2002) procura, assim, interpretar os movimentos de resistência perante as chamadas forças de poder e controle na sociedade. O mesmo diz que, através das práticas cotidianas o indivíduo se reapropria do sistema produzido e fabrica redes de resistência a essa forma de poder. Ou seja, o indivíduo cria meios para escapar ou fugir dos modelos de consumo impostos pela ordem dominante, inventando o cotidiano.

Michel de Certeau (2002) fala sobre uma espécie de *patchwork*, uma combinação de diferentes perspectivas sobre uma realidade, quando estuda o cotidiano e o homem ordinário. O entrecruzamento epistemológico, enquanto incomoda alguns, era concebido sem complexidade por De Certeau (1995, p. 7), como evidenciado pelo prefácio de Luce Giard:

Essa maneira de ler a história cultural e social, Certeau a constituiu no entrecruzamento das disciplinas e dos métodos, associando à história e à antropologia os conceitos e os procedimentos da filosofia, da linguística e da psicanálise.

A construção de um mosaico de métodos e teorias constitui-se numa oportunidade para captar melhor as realidades que se busca compreender. Desta forma, admite-se a insuficiência de buscar analisar a realidade, sobretudo quando se busca estudar o cotidiano, apenas pautado por uma perspectiva.

Segundo Certeau (2002) os mecanismos de resistência são os mesmos, de uma época para a próxima, devido a contínua distribuição desigual de forças e os mesmos processos de desvio, acabam deixando a estrutura com características enraizadas do passado, constituindo e moldando as próximas organizações-cidades.

2.2 ORGANIZAÇÃO-CIDADE

Admite-se que existe um jogo de forças na vida diária destas cidades. Porém, a diversidade dos enredados pelas teias de tais relações cotidianas – sujeitos e organizações – é foco de atenção desta pesquisa. Neste aspecto, acredita-se que a literatura do *management* se especializou em privilegiar estudos de organizações formais, preferindo estudar casos de organizações convencionais, de médio a grande porte. Negócios formais, modelo gerencialista, rigidez nas estruturas, controles de eficiência, produtividade, processos gerenciais padronizados e visão funcionalista são típicos deste modelo hegemônico no campo da administração (CARRIERI, PERDIGÃO E AGUIAR, 2014).

A partir desta perspectiva, apoia-se na discussão feita por Carrieri, Perdigão e Aguiar (2014) sobre gestão ordinária do cotidiano, que privilegia as organizações que fogem dos padrões consagrados pelo gerencialismo, pois considera como protagonista o homem comum, análogo ao homem ordinário de Certeau (2002), que administra negócios ordinários. Ao privilegiar o interesse pelos negócios ordinários, nos debruçaremos em refletir sobre como funciona a relação entre os sujeitos de querer e poder e tais sujeitos comuns e organizações ordinariamente geridos.

Mac-Allister ressalta que é nesse ambiente que se pode interpretar o que se caracteriza como cidade, um processo que diversos indivíduos e grupos de diferentes tempos e espaços na criando a linguagens da cidade ou linguagem urbana. Mac-Allister (2001) aponta que a cultura

da cidade é um conjunto que engloba diversas outras culturas que entrelaçam, criando seus próprios elementos.

Assim, para além dos homens ordinários, as organizações que fogem do grupo das grandes corporações - os pequenos empresários, os negócios informais, os negócios de rua, os produtores ambulantes, os pequenos negócios familiares, os feirantes, os artesãos, artistas de rua - também podem ser contemplados nesta dinâmica ordinária.

2.3 TRABALHO INFORMAL

O trabalho informal caracteriza-se pela ausência de carteira assinada e suporte básico devido ao desvio de norma que a atividade pratica. Normalmente as causas que levam a esse tipo de trabalho são bem distintas, deve-se pela adaptação em sociedade que forçam todos a exercer alguma atividade. É comum na sociedade, principalmente nos países emergentes. Com a adaptação de novas tecnologias no mercado, muitas vezes trabalhadores perdem vaga para máquinas ou pessoas mais adeptas as novas modalidades, e se veem obrigados a abrir um “próprio mercado”.

Sennett (1999, p.110-112) argumenta que nos processos de reconfiguração das empresas, os grupos de trabalhadores mais velhos são candidatos fáceis à demissão, por várias razões como: a flexibilidade é sinônima de juventude, rigidez e agilidade; os funcionários mais experientes tendem a ser mais questionadores; o conhecimento acumulado deixa de ter valor se a empresa está em processo de mudanças; “a flexibilidade dos mais jovens os torna mais maleáveis tanto em termos de assumir riscos quanto de submissão imediata”; os funcionários mais experientes estão perdendo o emprego para quem está disposto a fazer o mesmo trabalho por um salário mais baixo.

O progresso técnico aplicado à forma de acumulação financeira permite a um grupo cada vez mais seleto de capitalistas obter altos ganhos por meio de informações privilegiadas, sem utilizar, em termos absolutos, de mão-de-obra. Por outro lado, o incremento da composição técnica do capital amplia a utilização do trabalho morto e reduz o uso de trabalhadores estáveis, combinado com uma grande massa de trabalhadores informais, como explica Oliveira (2006, p.135).

Todo o crescimento da produtividade do trabalho é a luta do capital para encurtar a distância entre essas duas grandezas. Teoricamente, trata-se de transformar todo o tempo de trabalho em trabalho não-pago; parece coisa de feitiçaria, e é o fetiche em sua máxima expressão. Aqui, fundem-se mais-valia absoluta e relativa: na sua forma absoluta, o trabalho informal não produz mais

do que uma reposição constante, por produto, do que seria o salário; e o capital usa o trabalhador somente quando necessita dele; na forma relativa, é o avanço da produtividade do trabalho nos setores *hard* da acumulação molecular digital que permite a utilização do trabalho informal (OLIVEIRA, 2006, p.135).

Observa-se que o processo de harmonia social, fundamental para dar conta das desigualdades, não poderia ser dado unicamente à iniciativa privada, já que esta atua em razão do mercado, onde o que domina é a disputa e o interesse próprio. As ferramentas atuais de acumulação de capital apoiam-se na falta de força real do Estado, que possibilitaria melhorar e renovar diversas características de suas atividades, possibilitando a sociedade a definir novas e melhores estruturas para os indivíduos.

2.4 IDENTIDADE NÃO ESSENCIALISTA E IDENTIFICAÇÃO

A identidade permite que uma pessoa possa ser reconhecida. Conseqüentemente, a identidade pessoal define um indivíduo. É um conceito bastante discutido pelas teorias sociais, que procuram mostrar que as velhas identidades, responsáveis pela estabilidade do mundo social estão entrando em declínio e sendo substituídas pelas novas identidades, caracterizadas, entre outras coisas, pela fragmentação do indivíduo moderno, fato que, segundo o autor (HALL 2011), tem promovido grande mudança estrutural nas sociedades.

Hall (2011) explica que, pelas recentes mudanças que o mundo sofre, sobretudo a partir do processo de globalização cultural e econômica, a construção da identidade extrapola essa concepção de um núcleo central e permanente, já que as estruturas que lhes davam suporte são dissipadas, como no caso das identidades nacionais, dando espaço para identidades incompletas, fragmentadas, construídas na própria história.

O autor também cita que, a assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma visão estável no mundo social.

[...] O que denominamos “nossas identidades” poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente (HALL, 1997).

Porém, Laclau (1990) comenta que isso não deveria nos desencorajar: o deslocamento tem características positivas. Ele desarticula as identidades estáveis do passado, mas também abre a possibilidade de novas articulações: a criação de novas identidades, a produção de novos sujeitos e o que ele chama de “recomposição da estrutura em torno de pontos nodais particulares de articulação” (LACLAU, 1990, p.40).

Como a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é abordado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida, ela tornou-se politizada. As pessoas não identificam mais seus interesses sociais exclusivamente em termos de classe, a mesma não pode servir como um dispositivo discursivo ou uma categoria mobilizadora em que os variados interesses e todas as variadas identidades possam ser enquadradas em alguma representação.

Abordar o sujeito sob este ponto de vista - sob o plano da multiplicidade - significa considerar que nada é igual a si mesmo o tempo todo, e nem num só momento, e sob um mesmo aspecto. Ou seja, os indivíduos posicionam-se em sua realidade a partir de uma série de experiências que lhes são significativas, consciente ou inconscientemente.

Diga então qual é a sua identidade. A única resposta verdadeira: você mesmo, unicamente você. Isso seu princípio de identidade foi enunciado da seguinte maneira: P idêntico a P, termo que os lógicos e matemáticos têm o hábito de designar por três pequenas barras horizontais paralelas, para distingui-los do sinal de “igualdade” indicado por duas.(...)A confusão entre pertencimento e identidade começa por um grave erro de raciocínio que qualquer professor condenaria até mesmo no curso elementar (SERRES, 2005, p.99).

Encontram-se muitas formas em que um indivíduo pode usar para se expressar a outras pessoas, tendo em vista as suas várias experiências, e que estas percepções de si não se eliminam, mas se tornam conjuntas. Isso traduz o que nós formamos a partir das experiências pelas quais sobrevivemos, estas por sua vez nos locam e nos recolocam num quadro mais vasto de coexistência.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa se configura como qualitativa. Como definem Denzin e Lincoln (2005), tal tipo de pesquisa requer dos pesquisadores foco na natureza da realidade socialmente construída. Conforme Neves (1996), a pesquisa qualitativa se utiliza de um conjunto de diferentes técnicas interpretativas, sendo direcionada a partir de um planejamento pré-definido. Por sua vez, Flick (2008) argumenta que a pesquisa qualitativa é um contínuo processo de formação e

interpretação da realidade, onde o pesquisador constrói uma nova versão do todo.

Quanto aos fins trata-se uma pesquisa exploratória, já que existe pouco conhecimento acumulado sobre a problemática em questão. Quanto aos meios, num primeiro momento, se configura como pesquisa bibliográfica (VERGARA, 1998). Contudo, como se busca a interpretação da realidade a partir do cotidiano, das histórias de vida e/ou orais dos sujeitos envolvidos, a história oral temática parece ser a modalidade mais adequada, conforme definem Ichikawa e Santos (2006). A partir das histórias dos sujeitos e de suas vidas cotidianas, permite-se contar a história a partir dos relatos orais, da vida cotidiana das pessoas.

Ichikawa e Santos (2006) discutem a possibilidade do emprego da história oral dentro dos Estudos Organizacionais, como alternativa dentre as abordagens de pesquisa qualitativa em detrimento às pesquisas quantitativas, já que a história oral dá atenção àqueles que tem suas narrativas e discursos sufocados pelos discursos dominantes e pela história oficial.

Para Meihy (2005) são três os tipos de história oral, quais sejam: a história oral de vida, a história oral temática e a tradição oral. A história oral de vida oportuniza ao sujeito falar de forma mais livre possível sobre sua experiência de vida, sobre sua experiência pessoal, sendo que a este é permitido que conte sua história segundo sua própria percepção, importando inclusive fatos cotidianos da vida pessoal do entrevistado. Por sua vez, a história oral temática trabalha com maior objetividade, tendo como referência um tema ou assunto determinado. Já a tradição oral se interessa pela permanência dos mitos, uma visão de mundo manifestada no folclore e transmissão geracional.

Quanto ao local de aplicação da pesquisa, optou-se pela cidade de Naviraí (MS). A escolha se justifica pela escassez de registros de pesquisas desta natureza nesta cidade. São três os entrevistados, sendo um produtor de FLV aposentado, um mascate experiente e um técnico em eletrônicos do bairro. Todos homens de idade média a avançada, com vasta experiência na administração informal de seus negócios ordinários. Foram realizadas entrevistas, com apoio de recursos tecnológicos (WhatsApp), devido ao atual estado de distanciamento social que a estabelecidos pela pandemia do Covid-19. A coleta de dados foi desenvolvida entre os meses de abril de 2020 e agosto de 2020.

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A seguir, uma breve apresentação dos sujeitos da pesquisa, seguida pela análise de suas entrevistas.

4.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Na sequência, apresenta-se uma apresentação dos sujeitos que contribuíram para a pesquisa com suas narrativas, quais sejam, o Produtor de FLV, o Mascate, e o Técnico em eletrônicos. Suas identidades não foram reveladas.

4.1.1 O Produtor de FLV

O primeiro personagem a ser entrevistado é um homem de 65 anos residente em Naviraí a quase 50 anos. Trabalha, com o apoio de sua esposa, na plantação e venda de verduras na cidade, sendo essa a fonte principal de renda da sua família, composta por três pessoas. Teve empregos anteriores à informalidade, em sua maioria nas serrarias da cidade, mas só até conseguir juntar dinheiro para se estabilizar com seu negócio próprio.

“Só estudei até a terceira série, então poucos lugares davam oportunidade. Quando consegui juntar dinheiro suficiente ‘pra’ trabalhar por conta própria achei que seria melhor, daí comecei”. (Produtor de FLV)

A possibilidade de crescer mais com o trabalho informal devido a baixa escolaridade, certamente influenciou a decisão do mesmo por optar por este caminho, já que as estruturas dispostas a quem tem baixa escolaridade são precárias. Contudo, mesmo sem a escolaridade ideal, evidenciada na fala do entrevistado, o mesmo não se conformou com a condição estabelecida, alinhado a perspectiva que De Certeau (2002) apresenta, representando um ato de resistência. Na necessidade de garantir seu provento e satisfazer as necessidades básicas da família, buscou uma alternativa, alinhada a tática também exposta pelo autor, que representa um pequeno ato de transgressão. Já que não consegue emprego, tem baixa escolaridade, busca na informalidade, no trabalho ordinário, a possibilidade de resistir.

4.1.2 O Mascate

A segunda entrevista veio de um Mascate, também do sexo masculino, com 49 anos, que mora em Naviraí há cerca de 32 anos e vive atualmente apenas com a esposa, que por sua vez possui trabalho com carteira assinada. Já o mesmo, trabalha a mais de 20 anos na informalidade. Tem experiências anteriores com carteira assinada em mercados, onde tinha

contato direto com fornecedores, o que o ajudou na sua jornada como mascate.

“(…)como eu tinha contato com distribuidores ficava fácil para mim conseguir produtos com preço legal e render melhor trabalhando sozinho do que com carteira assinada ‘pros’ outros no mercado, igual ‘tava’ fazendo.” (Mascate)

A experiência adquirida por meio do trabalho formal, foi decisiva para a escolha de seguir carreira própria, mesmo que informal pelo mesmo. Seus capitais, tanto intelectual quanto financeiro, adquiridos com a experiência, o fizeram decidir que seria mais lucrativo trabalhar de forma autônoma. No cotidiano da organização que trabalhava anteriores, observava-se pela narrativa do entrevistado que esse capital pessoal adquirido, esse “saber fazer”, essa “arte de fazer”, nos termos de Michel de Certeau (2002), escapa do controle dos sujeitos de querer e poder. Ou seja, o conhecimento, a prática, a experiência do sujeito pertence a ele, o que utiliza na constituição do seu negócio ordinário. A possibilidade de auferir maiores lucros, por meio de um negócio informal é, também, uma prática de resistência, já que este não limita suas possibilidades de ganho aos limites impostos pelos salários e ordenados pagos pelos sujeitos de querer e poder, detentores da estratégia.

4.1.3 O Técnico em eletrônicos

O terceiro trabalhador que concedeu a entrevista foi um homem, de 55 anos, que vive com a esposa, que também trabalha na informalidade. Enquanto ele trabalha ao lado de sua casa, com a manutenção de eletrônicos, sua companheira passa roupas em sua residência. Quanto a experiência com o formal, teve um trabalho na antiga locadora da cidade, que fechou, o que contribuiu para que o mesmo abrisse seu negócio. Além disso, trabalhou por bons anos já informalmente para terceiros na manutenção de aparelhos eletrônicos, o que agregou muito conhecimento prático.

“Trabalhava em uma locadora que fechou e tive que me virar sozinho. Eu não tenho formação na escola, mas vivi uns anos num emprego antes desse com eletrônicos que ajudou e tinha uns clientes da época da locadora, tentei abrir meu salão” (Técnico em Eletrônicos).

Neste caso, o empurrão para optar pela informalidade veio da necessidade mais urgente de trabalho. Com a experiência, confiança e simpatia conquistada de diversos clientes no seu tempo de trabalho e a estruturação do seu salão próprio de atendimento, o negócio ordinário foi constituído. Ao analisar a narrativa observa-se que, apesar da ocasião o levar à informalidade, a expressão “tive que me virar sozinho” remete a uma prática de resistência deste sujeito, nos

termos apresentados por De Certeau (2002), também apoiada pela perspectiva da tática. Outro fato, num espaço que é do outro, no emprego anterior que trabalhava, mesmo com os mecanismos de controle impostos pelos sujeitos de querer e poder, que definem as estratégias, o sujeito ordinário analisado já adotava ações táticas, sorrateiramente, fazendo uma clientela sua, mesmo quando atuava no negócio do outro.

4.2 COTIDIANO DO TRABALHO INFORMAL NAS RUAS DE NAVIRAÍ

Em um primeiro momento, perguntou-se aos entrevistados se optariam por trabalhar na formalidade. Como resultado, os mesmos apresentaram sua preferência pelo trabalho informal devido a liberdade que encontram e no controle das próprias finanças. Michel de Certeau (2002) fala tática dos sujeitos ordinários, que na ausência do próprio fazem uso dos recursos que possuem.

Nessa perspectiva, observa-se que os sujeitos entrevistados também prezam por essa liberdade e possibilidade de fazer do seu jeito:

“O bom é a liberdade de horário e férias e o lucro que consigo fica pra mim decidir como resolver e distribuir” (Produtor de FLV).

“Acredito que ganho mais dinheiro que conseguiria na formalidade, além de ter uma noção melhor do que está acontecendo e um controle maior sobre o que é meu” (Mascate).

“O bom é poder parar cedo e trabalho do lado de casa, onde fica meu salão” (Técnico em eletrônicos).

Observa-se a concordância dos entrevistados quanto a apreciação por essa característica do trabalho informal. Mas o que atrai os sujeitos ordinários ao trabalho informal? Ao analisar as narrativas, observa-se que a liberdade, a possibilidade de auferir maiores ganhos do que no trabalho formal, um controle maior sobre a gestão do tempo, são características marcantes das respostas. Essas percepções são coerentes com a perspectiva da tática, abordada por De Certeau (2002), já que, mesmo que para os sujeitos de querer e poder o sujeito ordinário seja considerado um sujeito sem escolhas, assujeitado às escolhas de terceiros, o mesmo, nos limites de suas possibilidades, fazendo uso das táticas, explora as possibilidades e faz suas escolhas.

4.3 EXPERIENCIAS ANTERIORES EM TRABALHOS FORMAIS

Quanto as suas experiências anteriores, todos os sujeitos da pesquisa relataram alguma experiência no ramo formal das atividades que atuam, com atividades semelhantes às que fazem hoje, como é o caso do Mascate e do Técnico em eletrônicos, em que as suas experiências anteriores foram de grande contribuição para as atividades informais dos mesmos hoje em dia.

“Meus trabalhos com experiência de carteira assinada foram em uma locadora por uns de 10 anos. E tive bastante experiência mas informal também, como técnico de eletrônicos.” (Técnico em eletrônicos)

“Já trabalhei em mercado com carteira assinada o que me fez bastante experiência. Também já trabalhei no frigorífico da cidade.” (Mascate)

Quando perguntados o que levou para a informalidade, os entrevistados demonstraram uma vontade de crescer financeiramente e ter mais controle sobre o próprio, o que não estava sendo alcançado com as possibilidades oferecidas no ramo formal.

“Acredito que ganho mais dinheiro que conseguiria na formalidade, além de ter uma noção melhor do que está acontecendo e um controle maior sobre o que é seu” (Mascate).

Laclau (1990) explica como o deslocamento tem características positivas, a criação de novas identidades, a produção de novos sujeitos e o que ele chama de “recomposição da estrutura em torno de pontos nodais particulares de articulação”. Sob outro aspecto, a busca por ter um negócio próprio, um maior controle sobre o negócio, uma autonomia na gestão e a intenção de atingir melhores rendimentos do que em um emprego formal tem respaldo no conceito de tática apresentado por De Certeau (2002), quando o sujeito ordinário recria, no espaço que é do outro, possibilidades de obter vantagens, mesmo com condições aparente adversas.

4.4 IMPACTOS DA PANDEMIA COVID-19 NO TRABALHO INFORMAL

Durante esse ano em todo o mundo, sofreu-se as consequências da pandemia do Covid-19. Indivíduos inseridos no meio formal obtinham alguma garantia proveniente de suas empresas e estabilidade proferida por ela. Enquanto isso, trabalhadores informais tiveram que tomar decisões e procurar as próprias saídas para o problema.

“(…)trabalho do lado da minha casa e os clientes são a maioria da vizinhança. Quando atrasava alguma entrega de peça pra eu finalizar alguma coisa eles entendiam bem, acho que pela relação boa que tenho com todos” (Técnico em eletrônicos).

Ou seja, apesar das condições adversas impostas pela pandemia do COVID-19, o sujeito ordinário (DE CERTEAU, 2002), reinventa as possibilidades de ganho, mesmo quando não tem domínio completo sobre a situação, pois fogem de sua alçada. Mesmo na pandemia, com exposições e riscos inerentes ao poder de contágio da doença, buscam formas alternativas de atender a clientela. Pela bricolagem, aproveitando-se das possibilidades, redefine sua forma de gerir seu negócio ordinário, apostando no bom relacionamento com os clientes.

A possibilidade de risco de contágio é mais contundente nos trabalhadores informais. Pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 2020) mostrou que cidades com mais trabalhadores na informalidade tiveram maiores problemas com Covid-19 no Brasil. Os resultados da pesquisa da UFRJ indicam que conforme a taxa de trabalhadores informais se eleva, o número de infectados aumenta consideravelmente. A taxa de 10% a mais de sujeitos em situação de informalidade na população, a taxa de contágio aumenta em 29%, e a mortalidade também aumenta, em média, 38%. Tais dados mostram a vulnerabilidade de sujeitos ordinários em situações adversas como a atual. Percebe-se, nas entrevistas realizadas que nem todos conseguem obter o auxílio, e o suporte seria de grande serventia em momentos urgentes como o atual.

Certeau (2002) lembra da invisibilidade do homem ordinário, embora constituinte da cidade, por vezes é ignorada pelos sujeitos de querer e poder. Os entrevistados citaram algumas das dificuldades enfrentados durante esse período, apesar da maior ameaça ser silenciosa, já que ocorre pela facilidade do contágio do vírus.

4.5 E QUANDO O BENEFÍCIO ACABAR?

O auxílio emergencial é um benefício financeiro do Governo Federal que foi concedido a uma parcela da população de forma emergencial devido a situação atual sofrida por todos. Trabalhadores informais, nessas situações, geralmente precisam de tais recursos com urgência, devido as demandas diárias, como alimentação e moradia, sendo responsáveis por si e pelos seus dependentes. Com os sujeitos dessa pesquisa, ocorreram dificuldades em algumas situações, como a do Produtor de FLV, que por ter mais dois desempregados em casa que receberam, não poder ter acesso a sua parcela.

“Espero que a situação fique melhor logo e o dinheiro volte a entrar normalmente. O auxílio vai fazer falta em casa, porque mesmo eu não retirando o resto da família recebia, mas vai ‘dá’ pra se virar” (Produtor FLV).

Outro ponto de destaque, a pesquisa analisou apenas três dentre o grande número de trabalhadores informais presentes no estado, que também podem estar tendo dificuldade na retirada do benefício. Mato Grosso do Sul tem uma população de 434 mil pessoas trabalhando na informalidade e desse total, 67,5% estão concentrados no interior do Estado, enquanto 32,5% estão na Capital, Campo Grande. Os dados são de levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), feito a partir dos microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) referentes ao primeiro trimestre de 2019. As informações indicam que há um grande número de trabalhadores informais num estado pouco populoso, e a maior parte destes sendo no interior, inclusive, Naviraí.

5 CONCLUSÕES

A pesquisa realizada mostra a importância do trabalhador informal no contexto geral da cidade, e a falta de apoio tanto social quanto partindo de políticas para com os mesmos. O objetivo geral do trabalho foi mapear e estudar os trabalhadores autônomos, de forma que se pudessem identificar características dos mesmos a fim de descobrir o que leva a pratica e o que se passa praticando. A metodologia, de natureza exploratória vem do fato de existir pouca pesquisa local sobre o assunto, o que dificulta um pouco na procura de conteúdos de apoio mas oferece certa liberdade para uma visão primaria sobre o assunto.

A construção dessa pesquisa permite que, tanto teoria quando métodos inovadores possam ser trabalhados na administração. Essa oportunidade de desenvolver uma pesquisa a partir de uma leitura reflexiva da realidade do cotidiano, por si só representa um ganho excepcional. Assim, para além das leituras funcionalistas e positivistas, a experiência proporcionada por este projeto aos participantes é ímpar, na medida em que permitirá que sejam oportunizadas outras leituras, outras visões de mundo, outras perspectivas, para além das convencionais.

Quanto aos benefícios acadêmicos, inicia-se uma discussão que pode repercutir em outras searas, como eventos acadêmicos locais, regionais e nacionais. A realidade dos estudos sobre o cotidiano, combinando a dinâmica de organização-cidade, tendo como objeto as práticas dos sujeitos ordinários e de gestão ordinária se configura numa ampla gama de possibilidades de pesquisas ramificadas a esta. O movimento pendular de ir e vir, entre o campo e a teoria, gera novos conhecimentos à serviço das pessoas e das organizações.

Para a sociedades local, discutir a questão dos trabalhadores e negócios ordinários,

representa a possibilidade de pensar a cidade sob outras perspectivas, talvez negligenciadas. Ao conhecer a realidade dos sujeitos e negócios ordinários, o próprio olhar da sociedade para com estes sujeitos pode ser impactado. Ao perceberem algo que parecia invisível aos olhos da sociedade civil organizada, a própria perspectiva dos cidadãos para com estes negócios e trabalhadores ordinários pode ser impactada.

Para as organizações e sujeitos diretamente impactados por esta pesquisa, ordinários por excelência, esta representa a possibilidade de construção de uma cultura que reconheça ao menos a existência destes entes nas cidades pesquisadas. A invisibilidade, comum aos sujeitos ordinários, acreditamos que também se repete com as organizações, que, apesar de desempenharem uma função social, talvez não sejam devidamente reconhecidas como tal. Tanto ao denunciar as potenciais carências destes, como por ventura a sensação de que foram esquecidos pelo poder público, ou ainda, ao identificar práticas astuciosas, que permitem a sobrevivência deste na vida cotidiana da cidade, acredita-se que a pesquisa estaria cumprindo o seu papel junto às organizações.

Para as organizações públicas, sobretudo as prefeituras locais, o que se espera é que políticas públicas sejam definidas – ou redefinidas – a fim de atuar na atenção das demandas, caso ocorram, tanto dos sujeitos ordinários quanto dos negócios ordinários. Mais do que não reconhecer a existência, o fato de conhecer a realidade cotidiana destes trabalhadores envolvidos em negócios ordinários permite que a cidade funcione de forma mais harmoniosa. Ao diagnosticar a vida cotidiana urbana, dos trabalhadores e negócios ordinários, que usam a cidade como espaço de seus negócios, este estudo permite à Administração Pública conhecer a realidade, a fim de subsidiar potenciais políticas públicas.

REFERÊNCIAS

CARRIERI, A. P.; PERDIGÃO, D. A.; AGUIAR, A. R. C. A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. **Revista de administração**, v. 49, n. 4. São Paulo: Revistas USP, 2014.

DE CERTEAU, M. **A cultura no plural**. Coleção travessia do século. Campinas: Papirus, 1995.

_____. **A invenção do cotidiano – Artes de fazer**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. **Handbook of qualitative research**. Londres: Sage, 1994.

FISCHER, T. A cidade como teia organizacional: inovações, continuidades e ressonâncias culturais salvador, ba, cidade puzzle. **Revista de Administração Pública**, v. 31, n. 3. Rio de

Janeiro: Editora da fundação Getúlio Vargas, 1997.

FISCHER, T. **Gestão contemporânea, cidades estratégicas: aprendendo com fragmentos e reconfigurações do local.** Rio de Janeiro: Editora da fundação Getúlio Vargas, 1996

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** 2º ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, S. **The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time.** Londres: SAGE Publications, 1997.

LACLAU, E. **New reflections on the revolution of our time.** Londres: Verso Books, 1990.

MELLO, R. B. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos.** São Paulo: Saraiva, 2006.

MAC-ALLISTER, M. **A cidade no campo dos estudos organizacionais. Organizações & sociedade.** 11º ed. Salvador: Edição Especial. 2004.

_____. **Organização-Cidade: Uma contribuição para ampliar a abordagem do objeto cidade como objeto de estudo no campo dos estudos organizacionais.** Tese (Doutorado em Administração). Salvador: Universidade Federal Da Bahia, 2001.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral.** São Paulo: Loyola, 2005.

MORAES, A. C. R. (2002). **Ideologias geográficas.** 4º ed. São Paulo: Annablume, 2005.

HUCITEC, A. PAGÈS, M., BONETTI, M., G, V., & DESDENDRE, D. **O poder das organizações.** São Paulo: Atlas, 1987.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades.** (Mestrando do curso de pós graduação em administração de empresas). São Paulo: Caderno de pesquisas em administração, FEA-USP, 1996.

NITAHARA. A. **Informalidade no mercado de trabalho é recorde,** aponta ibge. 31, dez, 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-10/informalidade-no-mercado-de-trabalho-e-recorde-aponta-ibge>. Acesso em 2 nov, 2020.

PAIVA, M. **Pesquisa mostra que trabalho informal eleva contágio e morte por Covid-19.** 13 out, 2020. Disponível em: <https://www.brasil247.com/coronavirus/pesquisa-mostra-que-trabalho-informal-eleva-contagio-e-morte-por-covid-19-vzh83d8i>. Acesso em: 2 nov, 2020

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec, 1988.

SERRES, M. **O incandescente.** São Paulo: Bertrand Brasil, 2005